

## *Capocu, ácido caipira*

*Tiago Segabinazzi*

Onde situar Gabrielly em relação à “linha evolutiva da música popular brasileira”? A tarefa da “Oficina do Modernismo à Tropicália” é analisar alguma obra emblemática deste percurso artístico, ou apresentar algo que sugira uma continuidade. “Ipê amarelo” – das canções mais interessantes que ouvi em 2021 – parece adequada. Diante de grandes monumentos no planalto central do Brasil, este trabalho independente, de, até então, novecentas e oitenta visualizações no Youtube, aponta contra os chapadões seu nariz.

A artista paranaense lançou o EP *Capocu* em março de 2021, com treze minutos de imagens bucólicas, viola onírica e sotaque do interior - e, claro, um sotaque só é apontado quando não vem do centro, ou seja, não possui força centrífuga, como o liquidificador-sem-bater tropicalista. Melhor mesmo que a mistura resultante não seja homogênea, como nos oferece a indústria.

A psicodelia se cola com naturalidade a gêneros variados – rock, jazz, eletrônica –, mas uma aproximação com a música caipira, até onde lembro, só os Mutantes haviam feito. E talvez a vontade oculta destes argumentos aqui esteja na identificação daquela ousadia alegre, até rara, que marcou um dos grandes momentos da música no País dos Baurets.

Ainda é preciso mais um parágrafo antes de apresentar, enfim, a canção – meteórica porque breve e brilhante: é se preparar para perceber este evento passageiro.

A faixa de abertura, que dá nome ao EP, convidativamente anuncia imagens a princípio fragmentadas da Aldeia Capocu – onde “tem vulto, vivente e pipa” e “o medo corre na várzea” –, mas que vão compondo uma espécie de caso sobre “quem somos na Fazenda Iguaçu”. Em seguida, “Rio Iguaçu”, calma, com som de água doce entre acordes ondulantes, trata do refluxo decorrente de sua própria constituição – “cerveja choca, lixo, chorume” –, até a canção desembocar na secura da analogia que pela primeira vez localiza na paisagem o eu de Gabrielly: “E o meu coração é o Rio Iguaçu; se enche e toma no #%”.



O silêncio da sílaba que falta no último verso se esfumaça para anunciar, numa transição suave, o acontecimento – sim. Combinada a uma batida seca, bem mais acelerada que as faixas anteriores, uma frase curta na viola se impõe categórica. Após duas repetições do *riff* – que irão até o final da música –, surge outra, agora numa guitarra trêmula, ácida e algo espacial: o eco na mesma melodia da letra que se apresenta.

Ipê amarelo  
Canil do cachorro  
Pinheiro  
Fantasma  
Grito de socorro  
Grudado no tronco  
Tem um musgo branco  
Foi minha visagem  
Meu cão morto

As vozes sobrepostas vêm em primeiro plano, mas rarefeitas, quase se dissipando nos outros instrumentos. É apresentado um estado de coisas, formado por imagens e traumas que desembocam no evento de impacto presente no último verso – ali as cordas se calam e a mensagem fica mais clara. É o momento de resolução do conflito.

Forte demais para ser verso, encorpada demais para ser refrão, “Ipê amarelo” tem apenas um minuto e seis segundos. Ao invés de pensar que sua duração foi planejada para plataformas como o TikTok, prefiro pensar na potência que é fazer uso de uma estrutura ainda hoje inusitada. O que falta para que o formato radiofônico consagrado de verso-estrofe-verso-estrofe distribuído ao longo de três minutos seja, ainda que tentativamente, subvertido: suporte midiático ou disposição auditiva?

“Ipê amarelo” aparece em suas condições: como um lampejo colorido em meio ao cinza (presente também na capa de “Capocu”) das canções que lhe precedem, mais soturnas, emaranhadas. Há ainda uma quarta faixa no EP, chamada “Olaria”; mas esta merece atenção exclusiva que provavelmente não pode ser dedicada após tratar da “Ipê”. Cabe apenas mencionar.



Apesar de hoje ser difícil ou mesmo desnecessário encerrar qualquer criação num conceito bem definido – dadas tantas referências, muitas incontornáveis –, a música de Gabrielly flutua ao redor do *folk* – estranho usar palavra estrangeira para traduzir o que é “popular”, justamente ao se referir a este som tão singular, feito às margens do Rio Iguaçu. Um modão que se derrete em Space Oddity? Rita Lee, Sá & Guarabyra sentados, mexendo o pé no cascalho? Syd Barret de chapéu de palha? Experimental é tentar dizer algo preciso sobre este som.

Deve haver um pouco disso tudo. Uma leve zombaria e uma profunda seriedade – sim, parece possível. E ainda algo que não está em linha alguma, que é da desordem própria do acontecimento. “O monumento não tem porta, a entrada é uma rua antiga estreita e torta”, localizada nos próprios alicerces, proporcionando, no ideal modernista, uma transfiguração de nós mesmos – como disse Graça Aranha: maravilhosa aurora.

#### Referências:

GABRIELLY. *Capocu* (EP). 2021. Online: <https://www.youtube.com/watch?v=OWrvhIJx7JI>

